

Pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade

IX Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005

Divulgados os primeiros dados da pesquisa realizada na Parada GLBT de 2005. O relatório será lançado em 26 de junho de 2006, às 18:30h, no IV Ciclo de Debates Construindo Políticas para GLBT.

As violações aos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são frequentemente denunciadas pelos grupos ativistas brasileiros. No entanto, quando se procura formular respostas políticas para garantir os direitos dessa população, muitas vezes a ausência de dados a esse respeito torna-se uma barreira.

Pesquisas junto à comunidade formada por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são raras. Entre outras razões, pelas dificuldades de acesso direto a essa população. Além de várias pessoas ainda vivenciarem sua sexualidade de modo privado ou em círculos fechados de amigos, os locais de convivência, como bares e boates GLS, têm frequência restrita a determinadas “tribos”, sendo muito raro encontrar num único lugar diversidade em termos de estilos de vida, idades, classes sociais, raça/cor, etnia e credo.

Para enfrentar essas dificuldades, os pesquisadores do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Candido Mendes iniciaram há três anos uma parceria com grupos ativistas que organizam Paradas GLBT, de modo a pesquisar em sintonia com as necessidades da comunidade GLBT nas Paradas locais, onde a diversidade dessa comunidade encontra-se reunida.

Assim, foi pensada e estruturada a pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade, realizada a partir de 2003 no Rio de Janeiro, e em 2004 também em Porto Alegre. Em 2005, com apoio da APOGLBT, essa pesquisa foi realizada na 9ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo.

Além do CLAM e do CESeC, em São Paulo, a pesquisa agregou aos realizadores, o Departamento de Antropologia da USP e o PAGU / Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP, em parceria com a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Isso significa que quatro centros de estudos e uma organização de ativismo GLBT se juntaram para realizar um esforço que combina luta por direitos, trabalho voluntário, formação de pesquisadores e cuidado ético, científico e metodológico.

Na Parada de São Paulo, considerada desde 2004 o maior evento de cidadania GLBT do mundo, a equipe enfrentou o desafio de colher dados sobre cidadania e violência. O questionário foi adaptado à realidade e às demandas paulistas pela coordenação local da pesquisa, composta por ativistas e pesquisadores da temática homossexual. A equipe de campo foi estruturada com 79 estudantes universitários e nove supervisores graduados e estudantes de pós-graduação, que receberam treinamento específico para a atuação individual e em equipe e produziram, das 10 às 14 horas no dia da Parada, 973 questionários válidos. Os trabalhos foram acompanhados por uma estatística, uma supervisora geral de campo e pelos professores representantes dos quatro centros de estudos envolvidos no estudo.

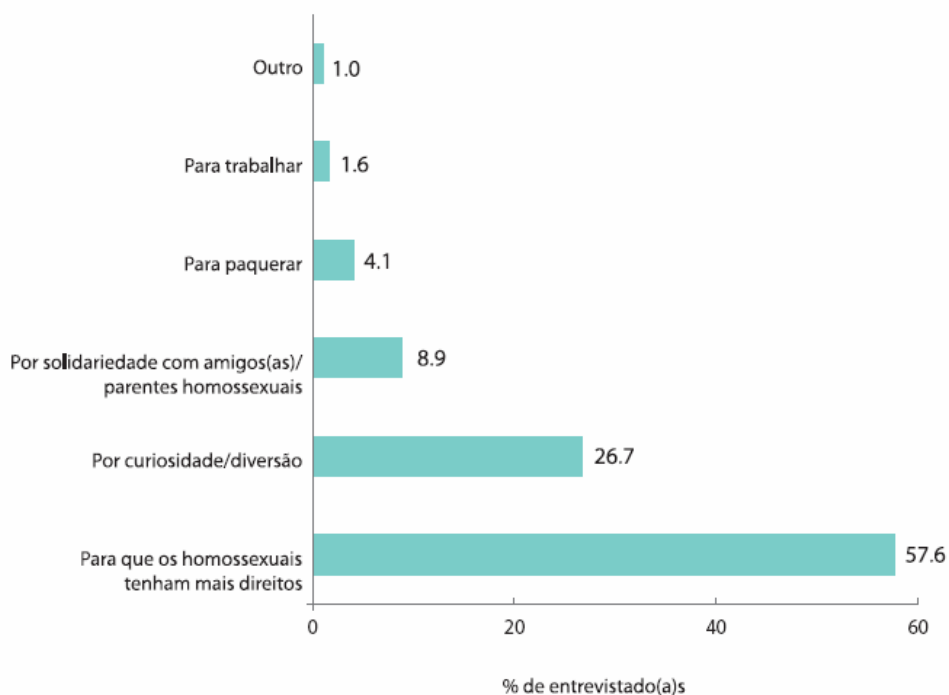
A pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade teve por objetivo conhecer aspectos do perfil sócio-político e afetivo-sexual dos participantes da Parada do Orgulho GLBT de SP,

bem como conhecer melhor as situações de violência e discriminação vividas por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais devido à sua orientação sexual. Os dados obtidos destinam-se a subsidiar ações e políticas públicas de defesa e de ampliação dos direitos desta população, em São Paulo e no Brasil.

O relatório da Pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade – IX Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005 será lançado no próximo dia 26 de junho, a partir das 18h30, na Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo - Espaço da Cidadania André Franco Montoro (Pátio do Colégio, Centro, São Paulo), dentro do IV Ciclo de Debates “Construindo Políticas para GLBT”. Nesta ocasião, estarão presentes os coordenadores da pesquisa para expor e debater os dados a partir do diálogo com a platéia, com a deputada Iara Bernardi e com um representante da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Após esta data, os dados estarão disponíveis para consulta do público nos *sites* das instituições que desenvolveram/coordenaram a pesquisa em São Paulo.

Seguem abaixo os dados de perfil sócio-econômico e de participação política dos(as) participantes da IX Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, divulgados na coletiva de imprensa da X Parada do Orgulho GLBT de São Paulo.

I GRÁFICO 1 I Motivo de comparecimento - Parada São Paulo 2005



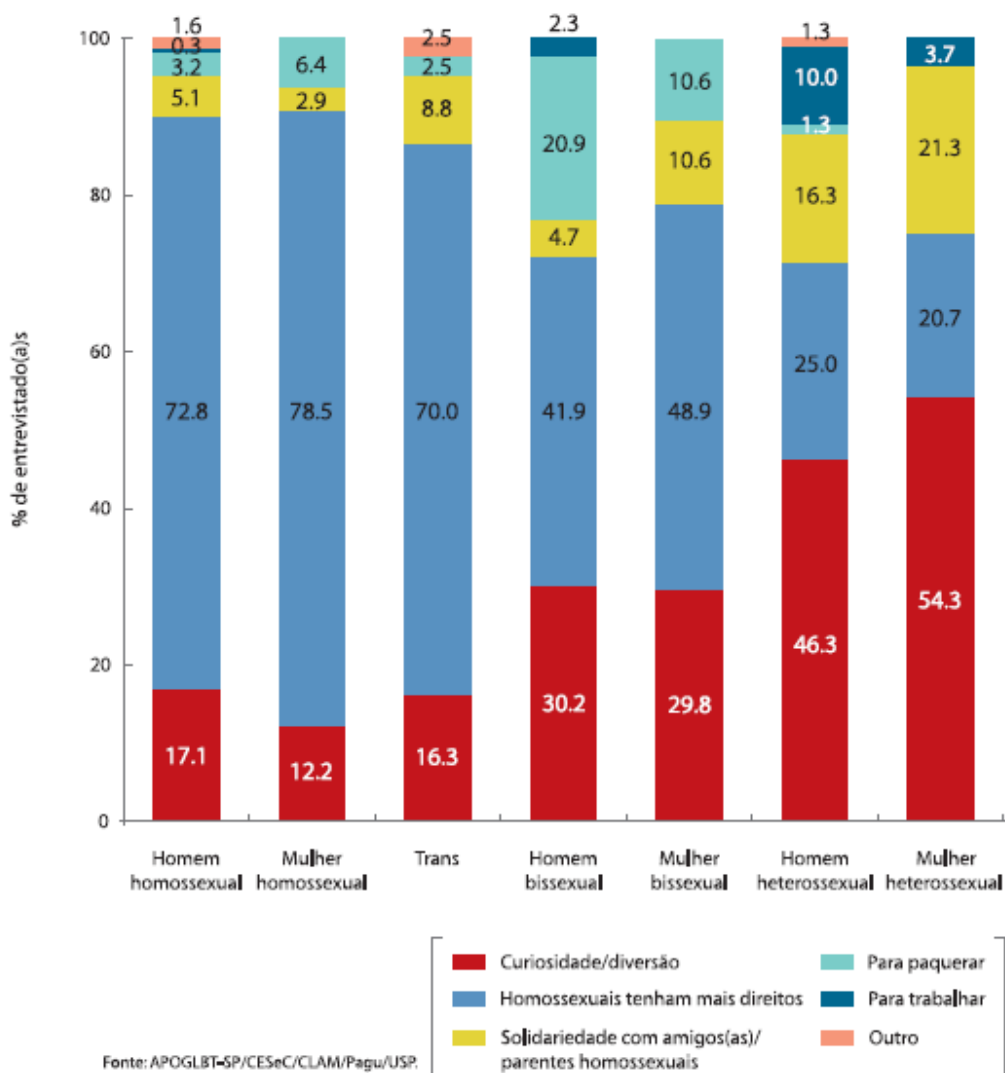
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 973 entrevistado(a)s.

I GRÁFICO 1 I COMENTÁRIO

Razões de ordem eminentemente política predominaram entre os motivos de comparecimento à 9ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Note-se que mais da metade dos presentes (57,6%) declarou estar no evento para que os direitos GLBT se ampliem. Somando-se ao número do(a)s que disseram estar ali por solidariedade a amigos e parentes homossexuais (8,9%), temos dois terços do(a)s entrevistado(a)s (66,5%) que compareceram ao evento por terem algum tipo de engajamento social ou político com a questão. É também importante salientar que um número

expressivo de manifestantes comparece à parada sobretudo por razões lúdicas, por “curiosidade ou diversão” ou para “paquerar”(30,8%). Motivações de ordem política tendem a ser mais relevantes entre o(a)s mais velho(a)s e entre aquele(a)s com nível de instrução mais elevado. Assim, 65,9% entre o(a)s que tinham idades entre 30 e 39 anos contra 44,3% entre o(a)s que tinham até 18 anos declararam estar ali para que os homossexuais tenham mais direitos no país; 61,5% entre o(a)s que tinham pós-graduação contra 51,4% entre o(a)s que tinham ensino fundamental declararam o mesmo. A maior parte do(a)s manifestantes não era composta por “novato(a)s”: 63,3% dele(a)s afirmaram que já tinham participado de outras paradas do orgulho GLBT. Homens e mulheres heterossexuais foram o(a)s que mais frequentemente responderam ser aquela a primeira vez que compareciam a evento desse gênero (58,5% deles e 63% delas nunca haviam participado antes de uma parada do orgulho GLBT). Esse dado contrasta, por exemplo, com as informações relativas aos homens homossexuais, entre os quais 76,5% já tinham participado de outras paradas.

I GRÁFICO 2 I Motivo de comparecimento por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005



I GRÁFICO 2 I COMENTÁRIO

Em relação aos motivos de comparecimento, note-se que, entre homens e mulheres heterossexuais entrevistado(a)s, predominaram razões de ordem lúdica (curiosidade e diversão), atingindo 46,3% entre os primeiros e 54,3% entre as segundas. No entanto, mesmo nesse grupo, motivos de ordem política (solidariedade e ampliação de direitos GLBT) são bastante significativos, atingindo 42% entre mulheres heterossexuais e 41,3% entre homens heterossexuais. Entre o(a)s bissexuais também se destacam as razões de ordem lúdica. Comparativamente a outros grupos, é alto o número do(a)s bissexuais que declararam comparecer à parada “para paquerar”: 20,9% entre eles e 10,6% entre elas. Para a esmagadora maioria das mulheres homossexuais (78,5%), homens homossexuais (72,8%), e trans (70%) predominaram razões de ordem política para comparecimento à parada. Assim, do ponto de vista do(a)s manifestantes, a parada parece firmar-se como evento político por excelência, a despeito de seu caráter festivo.

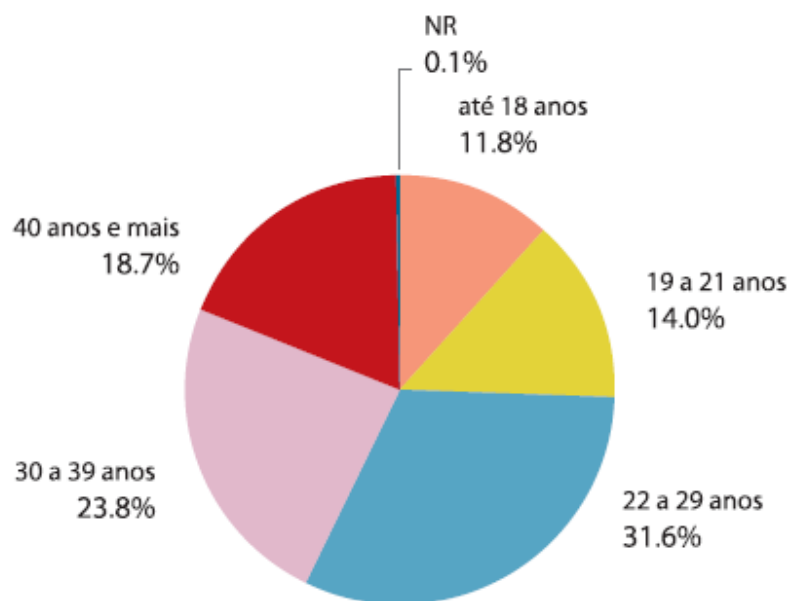
I GRÁFICO 3 I Perfil do(a)s participantes - Parada São Paulo 2005

I Sexo



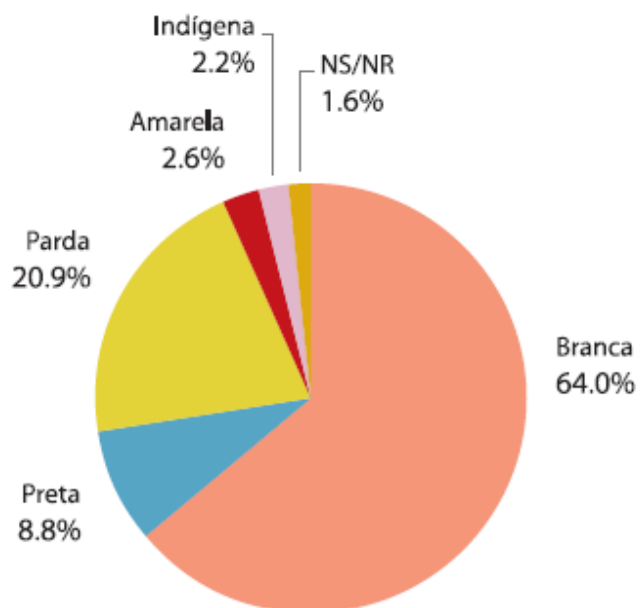
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 969 entrevistado(a)s.

I Faixa etária



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 973 entrevistado(a)s.

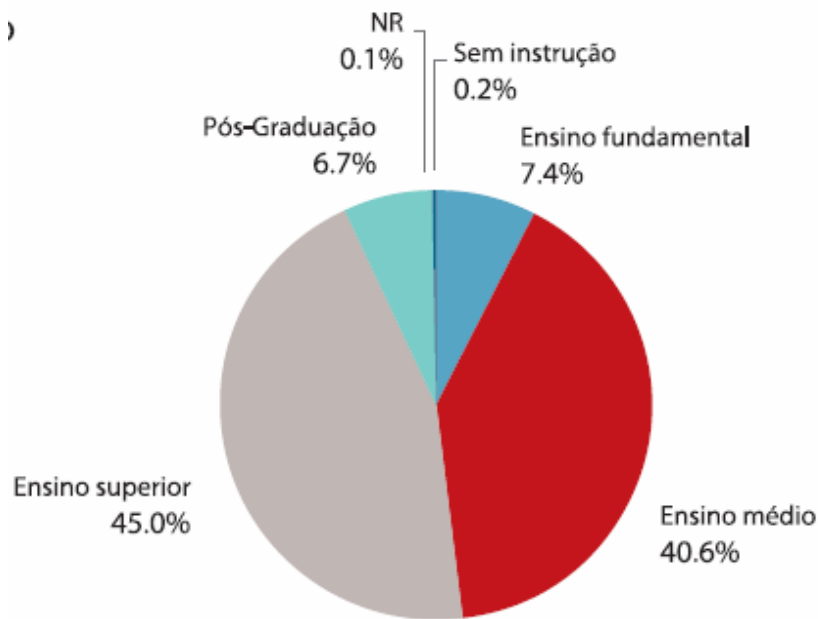
I Cor



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 971 entrevistado(a)s.

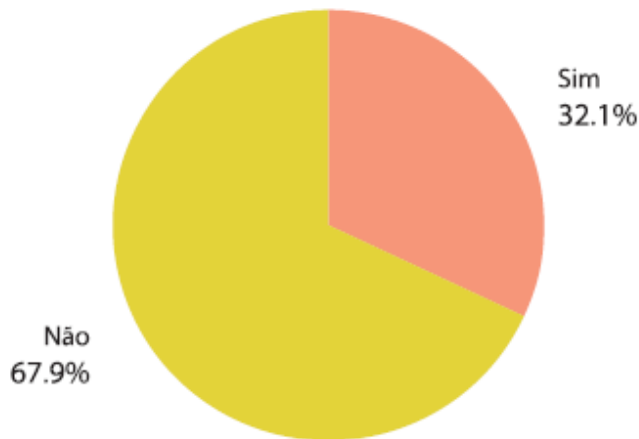
I GRÁFICO 3 I Continuação

I Nível de instrução



Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 972 entrevistado(a)s.

I Frequenta escola/universidade



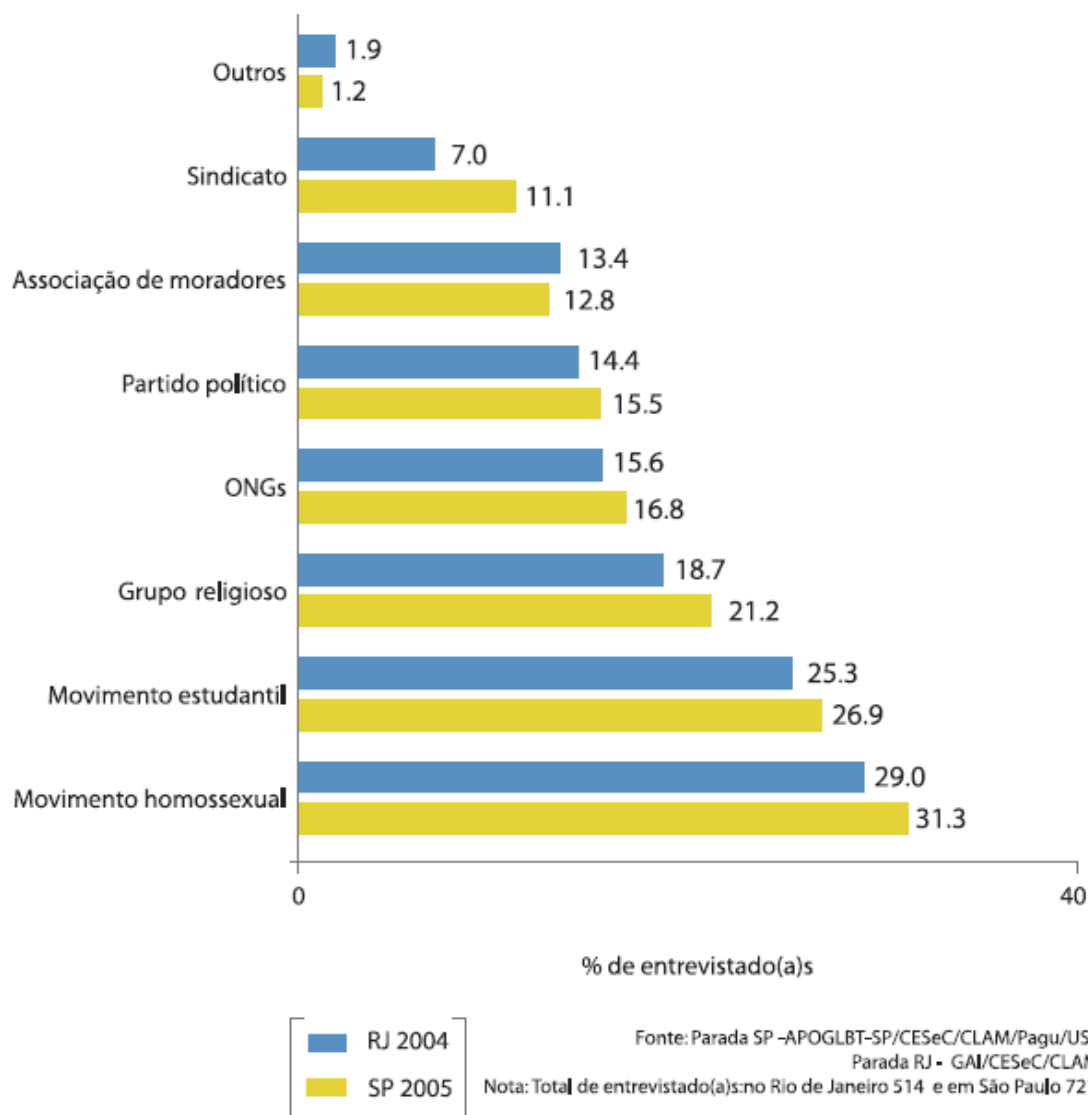
Fonte: APOGLBT-SP/CESeC/CLAM/Pagu/USP.
Nota: Total de 955 entrevistado(a)s.

I GRÁFICO 3 I COMENTÁRIO

No público da 9ª Parada, houve ligeira predominância de homens (59,6%). O(A)s jovens e adulto(a)s jovens predominaram sobre o(a)s mais velho(a)s (57,4% tinham até 29 anos e apenas 18,7%, 40 anos de idade ou mais). A grande maioria declarou-se “branca” (64%), situando o número de “branco(a)s” na parada ligeiramente abaixo do número daquele(a)s que, no estado de São Paulo, declararam-se “branco(a)s” à PNAD/2004 (70,5%). O nível de instrução do(a)s manifestantes é bastante elevado quando comparado aos níveis de escolaridade para a Região

Sudeste, sendo que 45% declararam ter ensino superior completo ou incompleto (segundo a PNAD/2004, apenas 11,23% da população do estado de São Paulo teriam nível universitário). Entre o(a)s entrevistado(a)s, uma proporção bastante significativa (32,1%) era composta de estudantes.

I GRÁFICO 4I Associativismo e participação em movimentos sociais (múltiplas respostas) - Parada São Paulo 2005

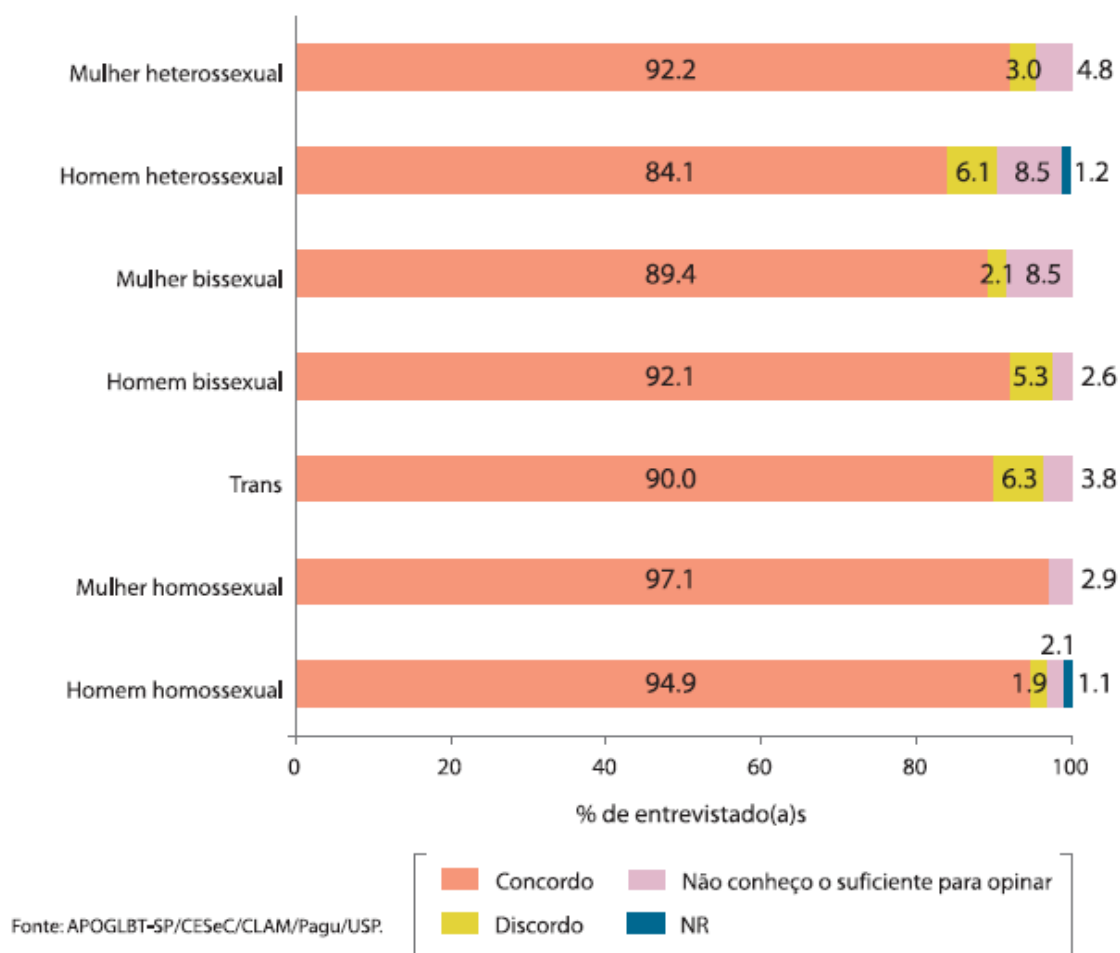


I GRÁFICO 4I COMENTÁRIO

Nada menos do que 66% do(a)s GLBT entrevistado(a)s afirmaram já ter participado de algum tipo de movimento social. Com maior frequência de participação, encontra-se o movimento homossexual (31,3%), seguido pelo movimento estudantil (26,9%). Os resultados são muito consistentes com levantamentos feitos no Rio de Janeiro em 2003 e 2004, indicando que a população que frequenta as paradas brasileiras tende a ser politizada, participativa e predominantemente jovem. Chama a atenção a politização do(a)s trans (apenas 26,3% nunca tinham participado de qualquer modalidade associativa), em contraste com as mulheres

homossexuais (42,4% declararam nunca ter participado de nenhum tipo de movimento). É interessante notar também que o relato de participação no movimento homossexual diminui consistentemente com o aumento da escolaridade, o que talvez guarde relação com certo processo de “popularização” da militância homossexual.

I GRÁFICO 5 I Opinião sobre o projeto de Parceria Civil por sexualidade agregada Parada São Paulo 2005

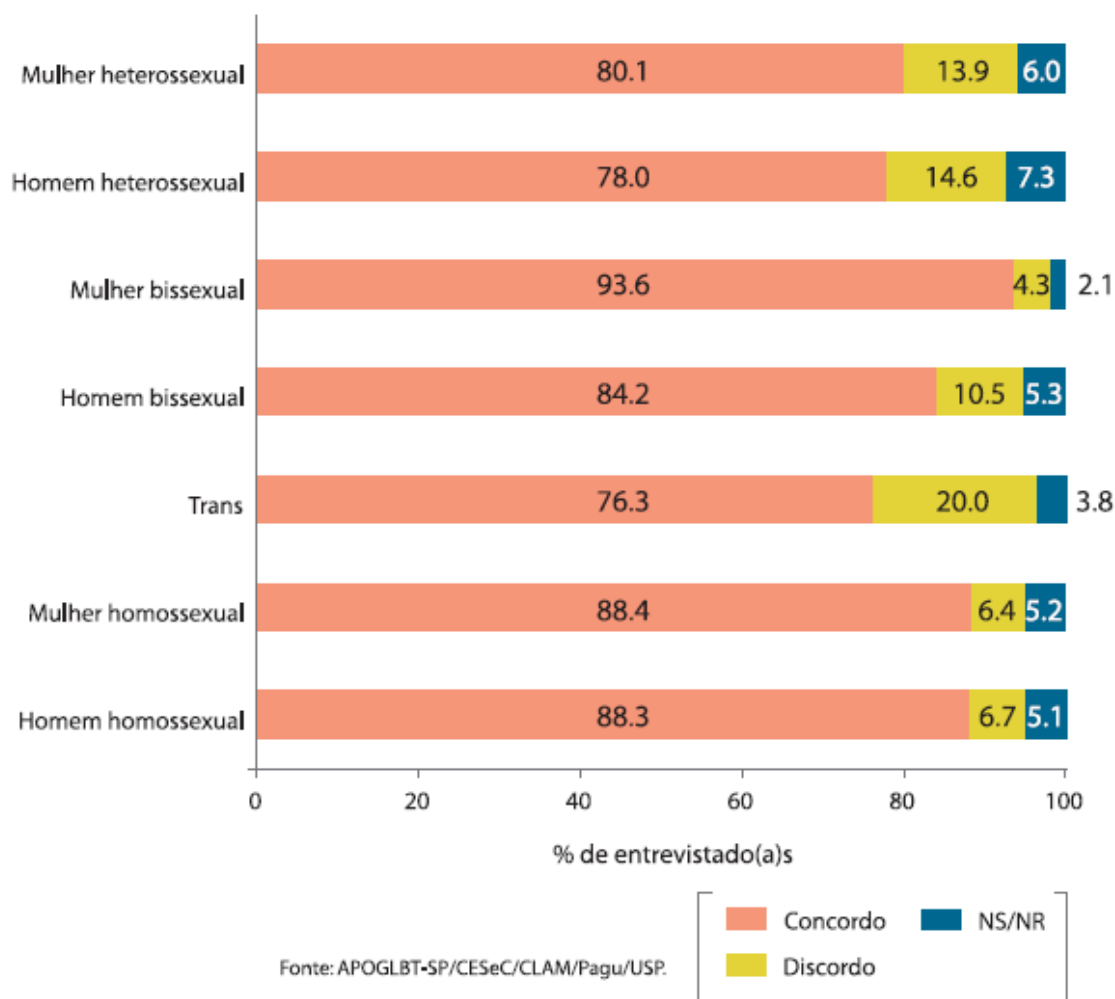


I GRÁFICO 5 I COMENTÁRIO

A quase totalidade do(a)s entrevistado(a)s, inclusive heterossexuais, concordava com o projeto de parceria civil (93,1%). Isso pode dar uma idéia do caráter emblemático que tem assumido no Brasil o reconhecimento público (por parte da sociedade e do Estado) das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Em que pese o fato de a questão formulada ter explicitado o conteúdo do projeto de lei, chama a atenção a parcela muito pequena de entrevistado(a)s que declarou não conhecer o projeto suficientemente para opinar (3,8%). Há pequena variação segundo a sexualidade agregada, sendo que homens heterossexuais são os que menos concordam com o projeto de lei (84,1% disseram concordar) e as mulheres homossexuais são as que mais concordam (97,1% disseram concordar). Há também pequena variação segundo faixa etária. O número do(a)s que concordam cresce consistentemente conforme aumenta a idade: entre o(a)s que tinham até 18 anos, 89,6% disseram concordar com o projeto, número que sobe para 95,6%

entre o(a)s de 40 anos ou mais. Os principais motivos do(a)s que disseram concordar foram: “porque os direitos devem ser iguais para todos” (59,1%); “porque o patrimônio construído em conjunto deve ser dividido” (18,2%) e porque o(a) próprio(a) respondente “quer se casar e ser feliz” (12,6%). Entre os principais motivos do(a)s pouco(a)s que disseram discordar (25 respondentes) destacam-se: “porque casamento no papel não é importante” e “porque casamento é coisa de heterossexual”.

I GRÁFICO 6 I Opinião sobre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem/criarem filhos por sexualidade agregada
Parada São Paulo 2005



I GRÁFICO 6 I COMENTÁRIO

Quando se trata da opinião sobre gays, lésbicas, trans e bissexuais terem/criarem filhos, a concordância é um pouco menor do que a manifestada sobre parceria civil, atingindo 85,1% do(a)s entrevistado(a)s. As mulheres bissexuais são as que mais estão de acordo com a proposição (93,6%) seguidas pelas mulheres homossexuais (88,4%). No outro extremo, temos as trans, entre as quais 76,3% concordavam com gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros terem ou criarem filhos. Chama atenção o fato de essa proporção ser até menor, mesmo que muito ligeiramente, do que a dos homens heterossexuais (78%). Quase metade dos que concordaram

(47,1%) justificou sua opinião afirmando que “a opção sexual não influencia na criação dos filhos”, enquanto 26,6% apontaram que “todos devem ter os mesmos direitos”. A possibilidade das crianças terem “estrutura mental confusa” foi a razão mais alegada (25,8%) entre o(a)s que discordaram da proposição, seguida pela idéia de que “filho é coisa para heterossexual” e de que crianças criadas por gays, lésbicas, trans e bissexuais sofrerão preconceitos. Note-se que um número significativo do(a)s que discordaram não soube explicar sua posição (19,4%).